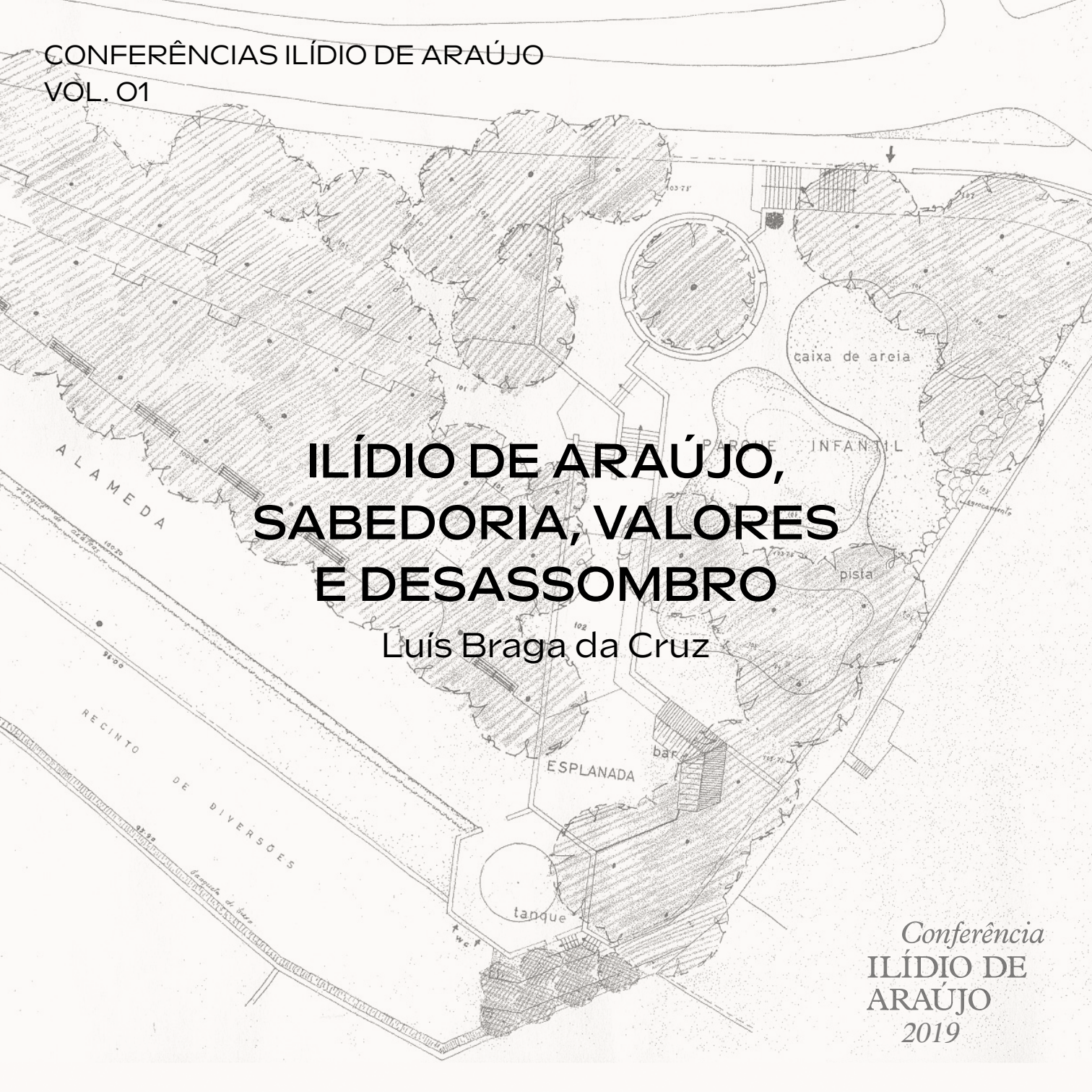


CONFERÊNCIAS ILÍDIO DE ARAÚJO
VOL. 01

A detailed architectural site plan of Ilídio de Araújo park. The plan shows various zones and features: a large 'ALAMEDA' (allée) on the left, a 'RECINTO DE DIVERSÕES' (recreation enclosure) at the bottom left, a 'caixa de areia' (sand box) on the right, a 'pista' (track) on the right, a 'bar' in the center, an 'ESPLANADA' (plaza) at the bottom center, and a 'tanque' (pond) at the bottom. There are also circular structures, possibly for children's play, and a 'PARQUE INFANTIL' (children's park) area. The plan is filled with hatching and contour lines, indicating topography and landscaping. The title 'ILÍDIO DE ARAÚJO, SABEDORIA, VALORES E DESASSOMBRO' is prominently displayed in the center, with the author's name 'Luís Braga da Cruz' below it.

ILÍDIO DE ARAÚJO, SABEDORIA, VALORES E DESASSOMBRO

Luís Braga da Cruz

Conferência
**ILÍDIO DE
ARAÚJO**
2019

Coleção

Conferências Ilídio de Araújo

Volume

1

Título

Ilídio de Araújo - Sabedoria, Valores e Desassombro

Autoria

Luís Braga da Cruz

Coordenação Editorial

Maria José Curado, Teresa Portela Marques, José Miguel Lameiras

Edição

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto – FCUP

Observatório de Paisagem da FCUP

Design Gráfico

Leonor Ribeiro

ISBN

978-989-35407-8-7

Capa e contracapa

Plano geral do Antigo Largo da Feira do Gado por Ilídio de Araújo, 1969

© Família de Ilídio de Araújo

Fotografias

© Observatório de Paisagem da FCUP

© Família de Ilídio de Araújo (página 26)

Agradecimento

Galeria da Biodiversidade – Centro Ciência Viva, UP

CONFERÊNCIAS ILÍDIO DE ARAÚJO

Em 2019 é lançada, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, a rubrica ‘Conferência Ilídio de Araújo’, com realização no Dia Internacional da Paisagem, instituído pelo Conselho da Europa em 2017. Assim, a 20 de outubro, ou em data muito próxima, dá-se voz a personalidades que refletem sobre a paisagem, nas suas diversas dimensões, e que, tal como Ilídio de Araújo, gostam de partilhar o seu saber. Esta conferência é, também, uma homenagem e um agradecimento a Ilídio de Araújo, figura maior da Arquitetura Paisagista em Portugal.

As palestras são publicadas e reunidas nesta Coleção, designada ‘Conferências Ilídio de Araújo’, promovida pelo Observatório de Paisagem da FCUP com o propósito de difundir os ensaios, observações, estudos e projetos dos conferencistas, a quem cabe um especial agradecimento por terem partilhado o seu conhecimento e possibilitarem a realização desta Coleção.



Conferência
ILÍDIO DE
ARAÚJO
2019

ILÍDIO DE ARAÚJO, SABEDORIA, VALORES E DESASSOMBRO

Luís Braga da Cruz

1ª Conferência Ilídio de Araújo, proferida na
Galeria da Biodiversidade - Centro Ciência Viva
Jardim Botânico
Universidade do Porto

21 de outubro



Apresentação

Luís Garcia Braga da Cruz (Coimbra, 1942) conferencista da primeira edição da Conferência Ilídio de Araújo é Engenheiro Civil pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP, 1965). Foi Professor Convidado da FEUP (1977-1986 e 2003-2012) tendo recebido o título de Doutor “Honoris Causa” pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2015.

Destaca-se a sua ação enquanto Presidente da Comissão de Coordenação da Região do Norte (1986-95 e 1996-2001), Ministro da Economia do XIV Governo Constitucional (2001-2002), Deputado à Assembleia da República na 10.^a Legislatura (2005/2006), Presidente da Fundação de Serralves, (2010-2015), do Centro Português de Fundações (2015-2018) e da direção da Forestis - Associação Florestal de Portugal (2018-2023). Preside ao Conselho de Curadores da Universidade do Porto, desde 2020.

Luís Braga da Cruz privou com Ilídio de Araújo, nomeadamente no decorrer da sua longa atividade na Comissão de Coordenação da Região do Norte embora o tenha conhecido nos anos 1960, no início da sua carreira profissional, como nos revela no seu texto que desvenda aspetos fundamentais da ação de Ilídio de Araújo, da sua personalidade e do seu posicionamento. Fá-lo, naturalmente, de um ponto de vista exterior ao da Arquitetura Paisagista e, por isso, de modo eximido embora marcado por uma proximidade pessoal, certamente assente num sentido partilhado de interesse e urgência no debate sobre os problemas de economia e gestão das paisagens humanizadas, entendido como tarefa política da maior exigência e complexidade.

No seu texto, ILÍDIO DE ARAÚJO - SABEDORIA, VALORES E DESASSOMBRO, Luís Braga da Cruz percorre um significativo período de tempo e vai achando as palavras que melhor traduzem e identificam Ilídio de Araújo, legando-nos um conjunto de qualificativos reveladores da sua personalidade e pensamento.

Considerámos ser esta uma forma oportuna de iniciar esta série de conferências – um olhar desobrigado, mas atento, sobre a figura de Ilídio de Araújo, fundado num conhecimento pessoal e profissional construído e consolidado no decorrer de um tempo diverso e longo que, agora, através desta publicação, convidamos a percorrer e a conhecer.



Ilídio de Araújo
1925-2015



Ilídio de Araújo - Sabedoria, valores e desassombro

Luís Braga da Cruz

A minha primeira palavra é para agradecer à Prof. Teresa Portela Marques o convite que me fez e para saudar todos os que acorreram a esta sessão, que também evoca o Dia Internacional da Paisagem, que ontem aconteceu,

Explicou-me que o grupo de docentes de Arquitectura Paisagista da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto tinha tomado a iniciativa de propor a promoção de uma conferência anual sobre temas do seu ramo técnico e científico e que esse evento teria como sombra tutelar a figura de Ilídio de Araújo, por ser uma grande referência que o curso de Arquitectura Paisagista do Porto adoptara.

Todos os profissionais têm os seus referentes. Também, da mesma forma, em cada escola de ensino superior é normal adoptar a memória de grandes figuras - tanto de mestres como de casos emblemáticos de profissionais que honraram a classe pelo bom exercício da respectiva profissão. Eu também tenho os meus referentes na área da Engenharia Civil e a minha escola - a FEUP - também escolheu os seus. Isto acontece porque tais pessoas deixaram boa recordação justificando serem adoptadas como referência de uma academia específica.

Compreendo porque Ilídio de Araújo foi escolhido pela arquitectura paisagista da FCUP. Foi da primeira geração de profissionais deste ramo do saber em Portugal, era do Norte e terá sido o que melhor compreendeu a realidade específica da sua região - física e humana - no contexto do território nacional.

A Prof. Teresa Marques acrescentou que se lembrara de mim porque sabia que eu o tinha conhecido bem, porque o sabia meu amigo e porque eu também andara, cerca de quinze anos, pelas andanças da política regional e do desenvolvimento do território, espaço da administração pública que ele percorrera com grande apuro e aplicação.

Deixava-me à vontade para abordar os temas que entendesse serem oportunos. Decidi que deveria tentar falar desses temas, mas a partir da figura de Ilídio de Araújo.

Devo confessar que me senti lisonjeado, no entanto com uma responsabilidade pesada, pela dificuldade de discorrer sobre temáticas relacionadas com a paisagem e o ordenamento de território a partir de tão egrégia figura.

Hesitei em aplicar este qualificativo a Ilídio de Araújo.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia das Ciências de Lisboa, na sua edição de 2001, “egrégio” vem de uma palavra latina (*egregius*) que era usada para qualificar aqueles que se distinguiam e eram dignos de admiração pelas suas qualidades morais, pela sua importância, pela sua ilustração. Ou, simplesmente, para designar aqueles que ficam na memória colectiva, por terem revelado nobreza de carácter, elevação e distinção.

Todavia, Ilídio de Araújo era de tal forma discreto que nada fazia para dar nas vistas, pelo que só os mais próximos sabiam do seu valor excepcional.

Como explicarei adiante, cedo aprendi a respeitar Ilídio de Araújo. Quando privávamos com ele, tínhamos a noção de estar perante um ser superior.

Há dias topei-me com uma boa definição de “ser superior”. Está num livro autobiográfico que André Jordan, um notável empresário que pode ser considerado o pai do turismo moderno em Portugal, acaba de publicar e que aqui merece ficar registada, por se ajustar bem à figura de Ilídio de Araújo:

Ser superior é aquele que sabe estar acima do bem e do mal, que tem a capacidade do perdão e da compreensão, que possui um dom natural de empatia e o poder de dar aos outros sem a expectativa do retorno.

Também me habituei à devoção com que era tratado pelos que tiveram o privilégio de com ele trabalhar, de discutir problemas e encontrar soluções. Alguns estão aqui na sala connosco Ricardo Magalhães, António Melo, João Diogo Alpen-durada, Rute Teixeira, Manuel Ferreira, Teresa Andresen, Marta Marques de Aguiar.

Ilídio era ouvido porque tinha autoridade. Uma autoridade que não vem do exercício do poder, mas de uma sabedoria e de uma prudência de natureza quase bíblicas, que todos lhe reconheciam. Essas virtudes seculares emanavam das suas palavras, do seu conhecimento das coisas e da sua continuada e permanente atitude.

Ilídio de Araújo era desconcertante porque nunca pensava como os outros, na medida em que baseava as opiniões em reflexões ditadas por uma observação atenta da natureza, do comportamento humano e por uma elaboração pessoal bem fundamentada. Sabia descobrir os enquadramentos mais completos e abrangentes e ponderar os parâmetros que conduzem a maior correção e perfeição do conjunto. Por isso era ouvido e respeitado.

O Prof. Alexandre Bettencourt refere-se a ele como “senhor de uma peculiar e intrigante personalidade”.

Mas essas maneiras de sentir, pensar e de ser, também o faziam sofrer. Tinha uma grande preocupação com a perfeição formal e era sensível ao bom gosto. Ao investigar espaços ordenados antigos, tantas vezes adulterados pelo tempo e por intervenções tortuosas (jardins, espaços urbanos ou rurais, praças de cidades ou ermidas isoladas) tinha uma capacidade rara para entender a razão das escolhas, o nexó da concepção espacial das soluções, o espírito criativo de quem projectou ou orientou a solução. Veja-se a este propósito a interpretação que faz dos sítios que, em Portugal e ao longo da nossa história, se distinguiram pelo ordenamento artístico dos seus “espaços exteriores”, num dos mais seguros inventários até hoje publicado no nosso País. Infelizmente esse trabalho apenas se ficou pela metade norte do País, a que aliás conhecia melhor.

Também era capaz de diagnosticar com facilidade os erros ou as disfunções perturbadoras, como por exemplo quando corrigiu o acesso rodoviário, de duas faixas, de acesso ao Santuário do Bom-Jesus do Monte, em Braga, propondo que se adoptasse uma solução muito menos intrusiva e mais bem adaptada à difícil orografia local, que é aquela que ainda lá está hoje.

Juntava a estas capacidades técnicas e profissionais um comportamento humano discreto, reservado, quase humilde, mas seguro e insubmisso.

Deixou, de facto, uma recordação duradoira em todos os que o conheceram.

Os trabalhos que publicou e a que me referirei adiante são o melhor recurso para nos ajudarem a compreender o estilo, a atitude, o pensamento de Ilídio de Araújo e a razão por que era admirado.

Ilídio de Araújo era engenheiro de formação - engenheiro agrónomo pelo Instituto Superior de Agronomia, a única escola de Ciências Agrárias de que o país dispunha à época - pelo que relevo a sua atitude profissional como engenheiro. De uma forma geral, ao engenheiro cumpre uma função de natureza social: dar satisfação às aspirações da sociedade e que contribua para o seu bem-estar, pela via das boas soluções técnicas. Isto, entendido como capacidade, engenho ou aptidão para analisar questões concretas, compreendê-las e encontrar soluções que, no tempo em que Ilídio de Araújo se diplomou, deviam satisfazer as três dimensões da preocupação básica de um projecto - preço, prazo e qualidade.

Mais tarde, novas dimensões vieram a ser acrescentadas. Além dos desígnios anteriormente referidos, era mister que as melhores soluções teriam de minimizar impactos (ambientais, visuais e sociais), serem energeticamente sustentáveis, socialmente justas e seguras em relação a novos riscos, etc.

Mas, basicamente, a atitude do engenheiro continuava a de ser a mesma e Ilídio de Araújo, nesta matéria, tudo assimilava continuando a ter o espírito de engenheiro.

Acharão que a minha interpretação de Ilídio de Araújo é excessivamente pessoal. Talvez tenham razão. Na verdade, Ilídio de Araújo, também era Arquitecto Paisagista. Pertencia à primeira geração de profissionais dessa arte que frequentaram o Curso Livre de Arquitectura Paisagista que o Prof. Francisco Caldeira Cabral iniciara em Portugal, justamente no ISA, em 1942.

Essa geração afirmou-se através de uma prática de intervenção no espaço público, contribuindo para a sua humanização, mitigando o desordenamento e tornando a vida mais agradável nas cidades. Também deixou marcas em jardins públicos e privados, mediante processos que seguiam metodologias que figuravam em ambientes mais contemporâneos e exigentes na Europa e novo Mundo.

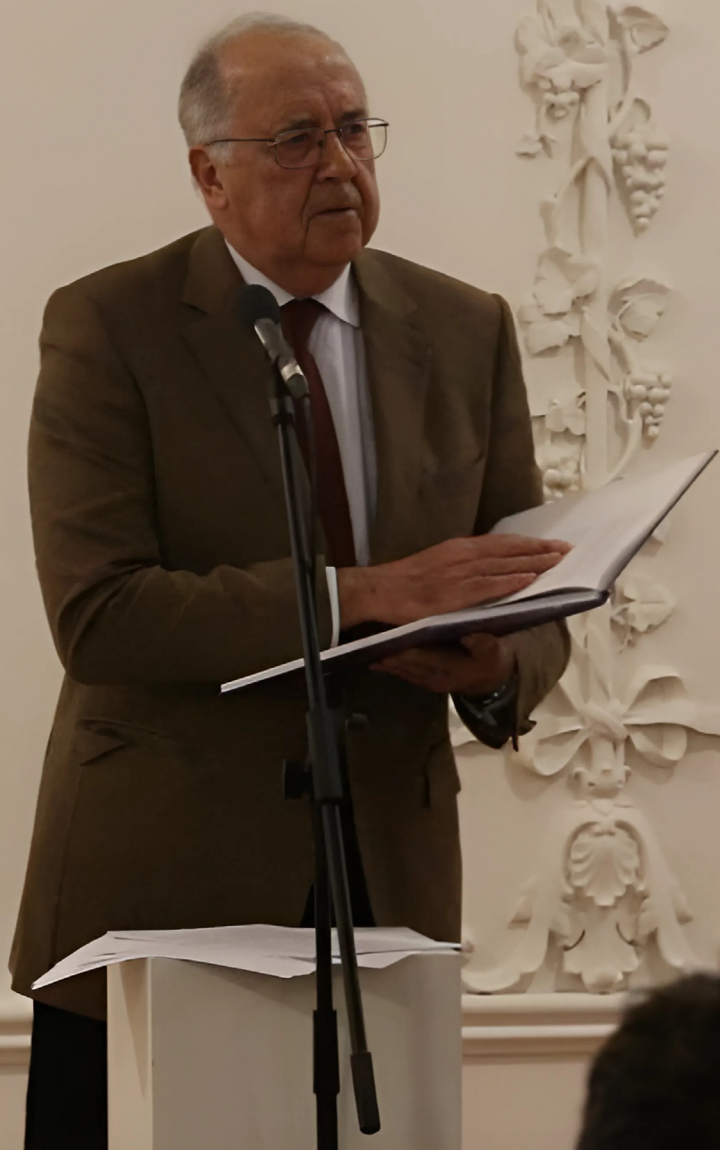
Ilídio de Araújo explica por que fez esta opção:

A curiosidade que o currículo escolar me despertou, pela complexidade das relações na paisagem e nas sociedades rurais, levou-me a matricular no curso de Arquitectura Paisagista...

Mas reconhece a complexidade que tal formação lhe coloca como exigência de vida profissional, quando afirma:

A gestão da paisagem é uma das tarefas políticas mais complexas do tempo presente e talvez aquela para que as elites portuguesas se encontram mais mal preparadas, tanto a nível das camadas dirigentes mais responsáveis como a nível do cidadão comum, a quem se pede que confie na clarividência daqueles que eleger para o dirigirem por caminho seguro.

Simultaneamente, teve a preocupação de estudar as soluções tradicionais portuguesas para compreender a sua racionalidade e adequação ao nosso território e na evolução que o homem foi introduzindo com o seu uso e transformação. Só depois de compreendermos esta evolução é que temos legitimidade para fundamentar as novas intervenções que quisermos fazer num dado local.



Mas comecemos pelo princípio. Como conheci Ilídio de Araújo? Qual foi a primeira impressão que colhi? Que relação posterior tive com ele? Que recordações retive? Já o relatei uma vez quando o Arq. Paisagista Fernando Santos Pessoa me pediu um testemunho para o belo livro que editou de homenagem a Ilídio de Araújo, pelo que vos peço desculpa de transcrever hoje o que então referi:

Conheci Ilídio de Araújo na segunda metade dos anos sessenta. Eu estava nos primeiros anos da minha vida profissional e fiscalizava as obras do novo tribunal de Celorico de Basto. As estradas ainda eram as do Plano Rodoviário de 1942 e ir ao interior reclamava uma jornada atribulada. O Presidente da Câmara local - Dr. João Limpo de Faria Leal - convidara-me para almoçar e pediu para se juntar a nós uma pessoa singular lá da terra que tinha uma interpretação curiosa sobre o território das suas referências telúricas. Era o Eng.º Ilídio de Araújo.

A conversa fluiu com naturalidade. Nesses tempos, eu tivera algumas veleidades pela arqueologia portuguesa, que se limitavam a ter passado os olhos pelos “Dispersos”, de Martins Sarmiento”, pelas obras do Doutor Virgílio Correia, da Universidade de Coimbra, pelo que tinha ouvido em casa ou por me dedicar à Numismática Romana. Fiquei seduzido pela fluência e erudição da pessoa simples e discreta que estava à minha frente. O que dizia era sedutor e tinha lógica. Relacionava nomes de cidades e de povos da Bíblia com os topónimos locais, invocava as “Religiões da Lusitânia” de Leite de Vasconcellos, com um conhecimento profundo. Tinha a postura de investigador e a capacidade de relacionar conhecimentos com o território e seus ocupantes. Compreendi depois como daqui resultava a sua capacidade de passar para a interpretação da paisagem humanizada.

No final do almoço, de regresso ao Porto, pediu-me boleia e se o deixava na sua terra - no Alto da Lameira - o que significava poder continuar o entretenimento daquela simpática conversa. Era tempo de Inverno e tinha nevado levemente na zona alta de Basto, tudo ficara cinzento, brumoso e

a “preto e branco” sobre o invulgar manto de neve. O Eng.º Ilídio não quis que o levasse à porta de casa, preferindo ficar no cruzamento da estrada nacional, invocando que não queria perder a oportunidade de beneficiar daquele percurso familiar de umas centenas de metros, num momento tão raro e impressionante para si. Fiquei a vê-lo sumir-se naquela desolação sublime e misteriosa. A partir desse dia passei a ter mais cuidado com as minhas leituras apressadas sobre a história antiga, tendo enriquecido a minha sensibilidade para apreender a interpretar melhor o que os nossos olhos veem e os outros sentidos apreendem.

Mais tarde, em 1986, quando assumi responsabilidades na CCRN, operava-se uma mudança qualitativa na política regional em Portugal. As comissões de coordenação regional, que até aí apenas se ocupavam do planeamento económico e do apoio técnico ao jovem Poder Local democrático, passaram a assumir também os domínios do Ambiente, do Ordenamento do Território e dos Equipamentos Regionais e Urbanos, bem como a gerir a aplicação do FEDER ao nível regional. Foram criadas as duas novas direcções regionais: a DR do Ordenamento do Território e a DR do Ambiente.

A transição dos serviços desconcentrados daqueles domínios do ex-Ministério das Obras Públicas para a CCRN, bem como a gestão do FEDER, vieram enriquecer muito a intervenção técnica das comissões de coordenação e dar um novo sentido prático à política regional.

Outro benefício que se colheu veio da aproximação de uma cultura da relação, da paisagem com o planeamento físico.

Muitos dos técnicos que foram então integrados na CCRN tinham trabalhado com o Eng.º Ilídio de Araújo. Adoptavam-no como uma referência e reconheciam-no como uma figura inspiradora. Eram os herdeiros dessa cultura de respeito pela paisagem que os obrigava a ponderar, nos pareceres que tinham que emitir sobre as questões de planeamento urbanístico ou no acompanhamento do investimento

junto das autarquias locais, a compreensão da evolução territorial e das forças que a determinavam.

Ilídio de Araújo sabia que a evolução do território se tinha operado durante séculos de forma lenta e gradual, sem a pressão para alterar usos que caracterizava os tempos mais recentes. A regulação que antes pendia sobre o território era o resultado sábio do saber acumulado de gerações, num processo de optimização de factores decisivos para uma vida de harmonia entre o homem e a natureza, na dependência dos ciclos anuais das colheitas, da sábia gestão da água, da incerteza climática e dos saberes adquiridos. Aquilo a que hoje chamaríamos o equilíbrio ecológico ou sustentabilidade.

Ilídio de Araújo valorizava a experiência de vida colhida próximo da natureza e do mundo rural, a que ele próprio tanto devia. Para ele o Alto da Lameira era o centro do mundo, porque tinha sido a sua primeira universidade, como ele costumava dizer. Desconfiava da erudição teórica e descolada da realidade.

Ilídio de Araújo era um homem sensível. Dizia-me que quando percorria o Norte Litoral do Entre Douro e Minho e se apercebia da transformação sem respeito pelos valores da paisagem herdada só tinha vontade de pôr os olhos no chão e chorar.

Como se explica isto? Com a reconstituição da democracia, depois de 1974, com a progressiva legitimidade política da soberania local, as tensões sobre o território explodiram. A relutância em aplicar localmente a disciplina do planeamento do território, associada à escassa capacidade técnica local, contribuíram para o desenvolvimento de um ambiente sem regra, temporariamente desregulado.

No final da década de 80, ao fim de uma dezena de anos sobre a criação da figura do PDM (Plano Director Municipal), apenas três dos mais de 300 municípios portugueses tinham em pleno uso esse importante instrumento político de gestão do seu território. Em minha opinião tal atraso, foi mais uma das sequelas da ausência da descentralização política para a autarquia regional, também prevista na Constituição

de 1976. Porém, não importa atirar hoje as culpas para a falta de coragem em actuar com “mão dura” e disciplinadora. O que distingue os países mais desenvolvidos é terem sabido fazer pedagogia continuada junto da sua população de forma a ser esta a exigir a disciplina no ordenamento do território para o bem de todos.

Faz sentido recordar o que Luís Valente de Oliveira, quando Ministro do Planeamento e do Ordenamento do Território, decidiu fazer para estimular a decisiva primeira geração de PDM. Seguiu a máxima francesa de ‘la carotte et le bâton’ (isto é, premiar com a cenoura e ameaçar com o pau) e, pelo final dos anos 80, anunciou que município que não tivesse o seu PDM elaborada até um determinado 31 de Dezembro, seria impedido de apresentar candidaturas ao FEDER. Foi o suficiente para desencadear efeitos de forma generalizada. Deve dizer-se em abono da verdade que muita pedagogia e acompanhamento foi feita pela CCRN, no sentido de difundir as metodologias para a elaboração dos PDM e exaltados os primeiros casos mais exemplares (no caso do Norte: recorde os de Viana do Castelo e Matosinhos).

A amargura de Ilídio de Araújo provinha da consciência da incapacidade de sustentar as forças inexoráveis que operavam as mudanças sem terem assimilado o valor do equilíbrio entre o direito individual do uso do território e o dever de zelar pelo interesse comum e por aquilo que tinha adquirido valor patrimonial.

É eloquente o que nos deixou escrito no prefácio da obra que já citei:

O ordenamento artístico dos “espaços exteriores” não tem sido até hoje objecto de qualquer atenção por parte dos nossos críticos de arte, do que resulta a quase total ignorância em que vivemos acerca de tantas criações com que o nosso património artístico tem sido enriquecido ao longo dos séculos que esta arte conta entre nós.

Dessa ignorância resulta a indiferença com que tantas vezes olhamos verdadeiras joias que se nos apresentam camufladas pelos limos e poeiras com que o tempo costuma proteger as obras que o Homem abandonou...



Mais grave, porém, é a destruição de que, à sombra dessa ignorância, vão sendo impunemente vítimas tantas obras de arte de real valor. Sobretudo nos últimos anos, e particularmente em Lisboa e no Porto, essa onda de destruição tem actuado com tal furor que, se lhe não for posto rapidamente um travão inabalável, acabaremos por nos ver estupidamente desfalcados de um dos mais valiosos sectores do nosso património artístico.

Mas também nas aldeias, quantas quintas de enorme valor artístico não têm sido desgraçadamente sacrificadas pelo traçado desvairado de estradas e caminhos de ferro!

Ilídio de Araújo publica em 1962 este inventário. O que disse então poderia replicar-se ainda hoje, porque continua a ser verdadeiro. Recorde-se que, nessa época, a sua preocupação não se limitava a fazer um inquérito ao ordenamento artístico dos “espaços exteriores”, dado que tinha um outro propósito eminentemente prático:

Que pudesse servir de base a um ulterior estudo das directrizes históricas seguidas pela nossa arte paisagista na sua já multissecular evolução. Para isso não nos deveríamos limitar a registar aquelas realizações que, pela sua monumentalidade ou nobreza, se apresentam com autêntico valor artístico ou paisagístico, mas observar muitas outras, por vezes simples ruínas ou mal apagados restos de obras que o tempo demoliu, ou até singelas realizações de carácter popular.

Eis que aqui fica bem definida uma importante tarefa por cumprir, para a qual têm de ser convocados os seus legítimos sucessores, nomeadamente os desta escola do Porto.

Vou de seguida fazer um brevíssimo percurso pela biografia profissional de Ilídio de Araújo para que melhor possamos compreender a sua obra e a sua maneira de ser. Ilídio de Araújo fez carreira na administração, desde que se diplomou em 1953, sendo algo enigmática a razão porque mudou do planeamento agrário para o territorial e urbano. O que relato a seguir talvez o explique.

Começou na Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, em 1956, por desafio do seu antigo Prof. Eugénio Castro Caldas, que o convida a fazer parte de uma equipa de economistas agrários que com ele estavam a abordar o Plano de Fomento Agrário do Alentejo. Com a humildade habitual, reconhece que, apesar da sua formação anterior,

se encontrava demasiado verde para poder dar qualquer contributo minimamente meritório a uma equipa composta por técnicos que, embora não estivessem sensibilizados para eventuais impactos paisagísticos das suas propostas (numa visão holística das questões) possuíam uma formação científica e uma experiência profissional que exigiriam de mim um contributo que eu não estava em condições de lhes dar, apesar de já então ter acumulado um conhecimento razoável da diversidade ecológica e sociológica do nosso território nacional. Faltava-me porém, para uma visão necessariamente de síntese, a maturidade que só o longo traquejo da vida e, portanto, a idade podem fornecer.

No entanto, reconhece que, nessa passagem pela administração agrícola, teve

a oportunidade de calcorrear todo o País, na companhia de veteranos das lides agronómicas em cada uma das 15 regiões agrícolas do Continente, o que (lhe) permitiu adquirir, ainda jovem, uma visão global das potencialidades, estrangulamentos e problemas da diversificada e complexa Corografia Agrária Portuguesa e, também, do estado das suas redes urbanas e de infraestruturas regionais.

Em 1957 mudou-se para a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (DGSU), do poderoso Ministério de Obras Públicas, onde foi incumbido de inserir as preocupações da arquitetura paisagista nos serviços de urbanização, ficando a seu cargo o território a norte do Mondego, ficando depois, em 1958, responsável pelos novos serviços de arquitetura paisagista na DGSU, na Região Norte.

Terá tido nele uma boa influência a oportunidade que a Fundação Calouste Gulbenkian lhe proporcionou, em 1963, para visitar durante 4 meses na Grã-Bretanha, onde se pode confrontar com outras metodologias de planeamento territorial. Reconhece que esta experiência lhe deu confiança para executar as metodologias de intervenção nos serviços por onde passou a seguir. Em 1968, quando foi criada uma Direcção de Serviços de Planeamento Urbanístico, Ilídio de Araújo terá influenciado a decisão de incluir um serviço de Ordenamento da Paisagem, na Divisão de Planeamento.

Quando são criadas as Comissões de Planeamento Regional, em 1969, colabora com a do Norte, nesses tempos fundadores e criativos em que se recebiam contribuições sectoriais de cada região-plano para os Planos Nacionais. Contribui para a definição de centros de prestação de serviço, no sentido de racionalizar o desempenho da rede urbana da Região Norte.

Também colaborou no Plano da Região do Porto, entre 1972 e 1980 (Andrew Johnson-Marshall).

Trabalhou no planeamento urbanístico de 1974 a 1980 e de 1983 a 1986, deixando em todos os seus companheiros de trabalho uma grande recordação.

Em 1983, foi Secretário de Estado do Ordenamento Físico e Ambiente por desafio do Ministro seu colega de curso e amigo - Gonçalo Ribeiro Teles - mas a sua maneira de ser não facilitaria ser feliz nessa brevíssima incursão na política.

Foi projectista de jardins privados e de espaços públicos, sempre com mestria e sensibilidade.

Publicou obras significativas, algumas já citadas outras inventariadas com rigor pelo Dr. António Melo, num total de 128 referências, entre 1953 e 2008, dispersas por livros, publicações oficiais, relatórios ou artigos em revistas. Os temas são os

que correspondem aos seus interesses: arte dos jardins e da paisagem, desenvolvimento rural, ordenamento do território, urbanismo, política pública, ecologia, etnografia e história.

Alguns dos seus trabalhos ficaram por publicar, com é o caso do estudo exaustivo que fez sobre a Orla Costeira do Norte de Portugal, cujo manuscrito e preciosos desenhos ele autorizou que fossem depositados nos arquivos do Forte de Sacavém, da Direcção Geral do Património Cultural, e que todos os que os folhearam me dizem que mereciam ser objecto de uma cuidada edição.

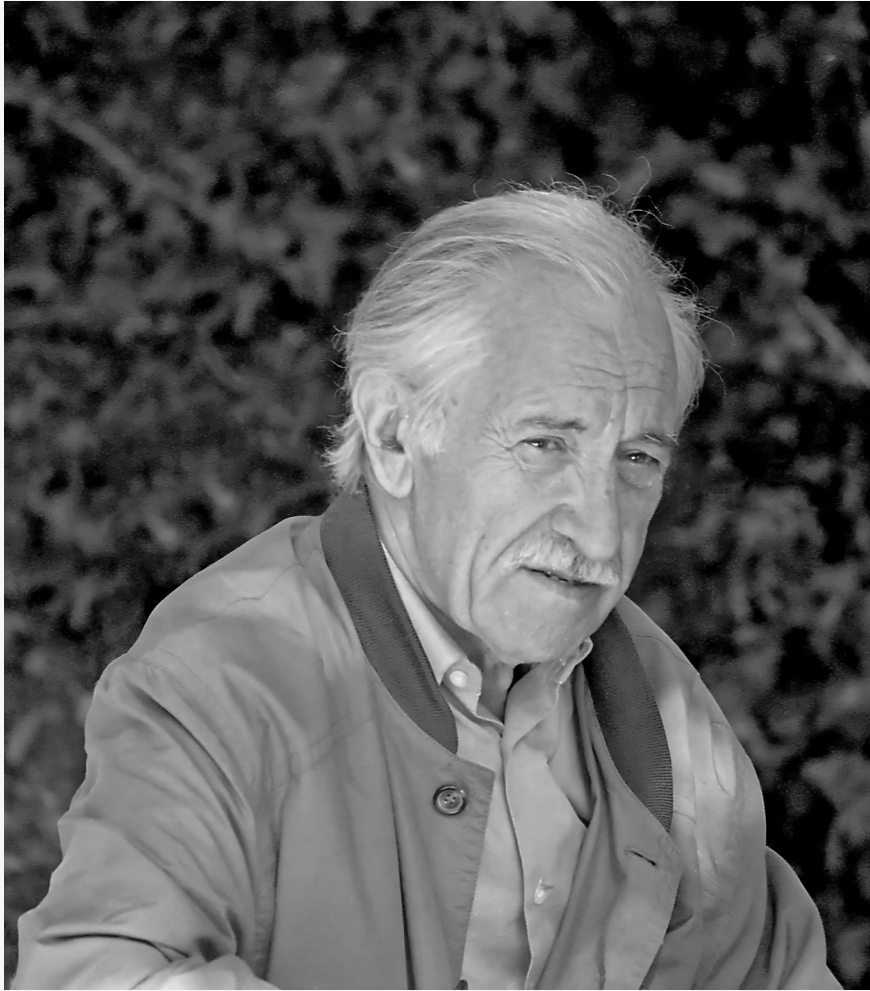
Com as minhas actuais responsabilidades na Forestis - Associação Florestal de Portugal e instituição federadora de associações de produtores florestais, criada há 30 anos com o apoio da CCRN, não posso deixar de referir que se deveu ao Eng.º Ilídio de Araújo a criação da Associação Florestal de Basto, infelizmente hoje descontinuada.

Termino com outro testemunho de Ilídio de Araújo, este de natureza pessoal, mas que traduz a sua rara sensibilidade e desvenda a sua permanente amargura pelos valores que se vão perdendo. É a eloquente dedicatória manuscrita que nos fez num exemplar do seu livro sobre a “Arte Paisagista e a Arte dos Jardins em Portugal”, em Novembro de 2002 e que me atrevo a transcrever:

À Senhora Arq.ª Paisagista Teresa Andresen e ao Sr. Eng.º Luís Braga da Cruz, que há longos anos me vêm tratando com imerecida e comovente amizade ofereço este pobre tijolo amassado e moldado nos tempos de uma longínqua juventude - numa época em que já não há flores silvestres nem nos bosques nem nos campos e só nos jardins florescem saudosos crisântemos.

O que de facto nos fica de Ilídio de Araújo é o seu testemunho de ser superior e genuíno, humilde mas desassombrado, com a sua capacidade de ler a paisagem e o seu exemplo de homem bom e verdadeiro.





Ilídio de Araújo e a Arquitetura Paisagista na FCUP

Ilídio de Araújo (Celorico de Basto, 1925 - Porto, 2015) arquiteto paisagista e engenheiro agrónomo, licenciado pelo Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa (1953) legou-nos uma obra extraordinária no domínio da investigação e estudo das paisagens, nomeadamente da arte paisagista e da arte dos jardins em Portugal, atestada numa extensa e diversa produção bibliográfica e nas inúmeras conferências que proferiu e que, ainda hoje, são uma referência e uma inspiração para todos aqueles que se dedicam à leitura e interpretação da paisagem, à proteção dos seus valores e ao seu ordenamento. O conjunto dos seus textos, fruto de intenso estudo e, sobretudo, informada observação, constituem uma parte significativa do corpo teórico da Arquitetura Paisagista.

O impacto do seu saber ultrapassa a dimensão da própria profissão de Arquiteto Paisagista para cuja afirmação, particularmente na região norte do país, contribuiu de forma decisiva. A sua avidez de conhecimento e enorme erudição, a insatisfação intelectual permanente, a curiosidade incessante e a invulgar capacidade de análise e crítica, moldaram-lhe um carácter próprio – o de um académico e investigador.

Ilídio de Araújo tinha, também, o talento que se pede ao Arquiteto Paisagista, o do conhecimento alargado, proveniente de várias áreas científicas e artísticas, e a capacidade de síntese dessa pluralidade de saberes, manifestada em projetos e planos, que é onde reside a especialização deste ofício.

Estas qualidades e a sua residência na cidade do Porto permitiram estabelecer uma relação de grande proximidade com docentes e alunos da licenciatura em Arquitetura Paisagista na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, desde a sua instituição em 2001. Ilídio de Araújo foi uma presença constante na sala de aula, em conferências, em celebrações, afirmando-se como uma referência científica incontornável. Em 2018 é criado, nesta Faculdade, o *Prémio Ilídio de Araújo* que, anualmente, distingue o melhor aluno do curso de licenciatura em Arquitetura Paisagista.



FACULDADE DE CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DO PORTO



OBSERVATÓRIO DE
PAISAGEM



C.M.P.L.		ARRANJO DO ANTIGO LARGO DA FEIRA DO GADO	
9	plano geral		
DATA: 14/3/1969	projector: arg. paisagista: <i>J. Araújo</i>	ESCALA: 1/200	